



*Liga Independente das
Escolas de Samba Virtuais*

Organograma Oficial
Carnaval Virtual 2016

Parte 1: Da Estrutura Administrativa da Agremiação

01. Nome Completo da Escola

GRESV Paracambi Imperial

02. Presidente Administrativo da Escola (Nome completo não abreviado e pseudônimo)

Karine Moreira

03. Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Nomes completos e pseudônimos)

Izaias Junior e Thiago Henrique

04. Intérprete(s) da Escola (Nomes completos não abreviados e pseudônimos)

Rafael Faustino

05. Demais Membros Internos da Escola (Nome completo não abreviado, pseudônimo e respectivo cargo na escola, se houver)

Vice-Presidente- Leonardo Tenreiro
Presidente de Honra- Márcia Moreira
Diretor Geral de Carnaval- Thiago Henrique

06. Pavilhão (Bandeira) da Escola



Parte 2: Do Enredo a ser Apresentado

07. Tema-Enredo (Título do enredo e sub-títulos, se houverem)

Escondem-se os rostos para mostrar sua cultura, África vista por de trás de suas máscaras.

08. Autor(es) do Enredo

Izaias Junior e Thiago Henrique

09. Enredo (Direcionado aos julgadores)

Enredo 2016

Escondem-se os rostos para mostrar sua cultura, África vista por de trás de suas máscaras.

Desde os primórdios do Continente africano, a máscara estava presente em todos os rituais das tribos e clãs, elas adotavam as mais diferentes formas e eram confeccionadas com diversos tipos de materiais, como madeira, marfim e minerais como ferro, cobre, bronze e ouro, os materiais, assim como a finalidade de cada máscara, mudavam conforme os povos e seus costumes. Elas eram criadas pelos artesões das tribos, que já tinham uma vasta experiência e habilidade em esculpir e moldar, para estabelecer a purificação e a ligação com a entidade sagrada, as máscaras eram modeladas em segredo na selva.

Diversas tribos espalhadas pelo Continente africano de múltiplas etnias e culturas, utilizavam as máscaras em seus rituais, nos ritos de nascimento, de iniciação - preparação para a vida adulta e de passagem- morte, ou com o intuito de evocação de entidades espirituais, da cura, da fertilidade da terra, da abertura de caminhos, da sorte na Guerra, da fartura na pesca. Elas são encarregadas de mostrar o invisível aos olhos humanos, afastando as forças vitais do mal, protegendo os homens das forças maléficas, elas são boas e justas, punem aqueles que trazem a desordem e a insegurança, funcionando como os juízes supremos, possuindo os poderes jurídicos, julgando os problemas de família, dos clãs, das tribos, desempenhando um papel essencial no restabelecimento da ordem social, possuindo outras diversas finalidades. Além do uso das máscaras, os rituais eram executados com danças e músicas, embaladas pelo som dos mais variados tipos de instrumentos musicais.

No momento do ritual, com a utilização das máscaras, seu portador se transforma em um ser espiritual poderoso, muito respeitado pelos membros da tribo a máscara seria um ser, que protege a quem a carrega e a energia captada por ela, conforme a finalidade de cada máscara e ritual seria armazenada e depois redistribuída em benefício da coletividade.

As máscaras eram utilizadas como um elo de comunicação espiritual, todas as tribos africanas acreditavam na existência de um Deus criador, e o contato com esta divindade suprema deveria ser feito através de seres intermediários, estes eram espíritos que poderiam ser de ancestrais ou não e intercediam em favor do bem estar da comunidade. Os homens necessitavam da autoridade dos deuses, espíritos e antepassados para manter a ordem social.

Porém, com a invasão dos europeus carregados de ganância e ambição em busca das riquezas abundantes da África, toda essa rica cultura das máscaras foi devastada, milhares delas sendo destruídas ou levadas para a Europa, onde foram expostas em Museus, impressionando muito os europeus, mas sendo encaradas apenas como objetos de arte, tendo seu real valor desconhecido.

Contudo, os africanos escravizados vindos para o Brasil resistiram e não deixaram que o invasor exterminasse a cultura da máscara, se não tem mais uma abundante riqueza natural em poder, improvisou-se e de retalhos se fez as máscaras, revividas em terras brasileiras em diversas regiões, sendo mantida essa cultura até os dias atuais, no Folgado Zambiapunga, na Cidade de Nilo Peçanha na Bahia onde homens saem fantasiados e mascarados, com máscaras feitas em papel de ceda e papelão, o cortejo é feito nas vésperas do dia de finados, saem de madrugada cantando e acordando a população local. Já no Candomblé dos Egungus, onde também foi mantida a cultura das máscaras, estas sendo feitas em madeira, em seu ritual se invoca os espíritos dos ancestrais, também há um rito de adoração aos mesmos.

Dessa forma, temos mantido a chama acesa dessa rica cultura, carregada de beleza e misticismo. E a Paracambi Imperial ao mostrar essa rica história, com sua máscara de Curió Imperial, pede a todos os seus ancestrais, que essa chama nunca se apague!

10. Sinopse (Direcionada aos compositores – deixar em branco se for o mesmo texto apresentado aos julgadores)

Sinopse Paracambi Imperial 2016

Título: “Esconde-se o rosto para mostrar sua cultura, África vista por de trás de suas máscaras”.

Proposta do Enredo

Para o carnaval 2016, a Paracambi Imperial se propõe a mostrar um enredo com temática "Afro". Sabemos que a História do Continente Africano, assim como sua Cultura já foi mostrada, ilustrada e contada diversas vezes direta ou indiretamente em

inúmeros desfiles de Escolas de Samba, seja real ou virtual. Dessa forma, tentando abordar uma nova linha deste vasto tema, o mesmo será abordado sobre uma nova perspectiva, baseada explicitamente em sua arte, especificamente em sua mais importante expressão material de cultura, as Máscaras, que tem papel fundamental na materialização de crenças e ensinamentos transmitidos através do tempo em seus inúmeros rituais.

Introdução

Vai começar o ritual!

Sagazes, velozes, imponentes... Trajados em exuberantes máscaras que remetem à selvagens antílopes vem chegando a tribo Kwele, fazendo seu importante rito de iniciação, abrindo passagem para um grande desfile.

Sinopse

“Esconde-se a face, para que seja transmitida sabedoria”.

O dourado de sua paisagem árida confundia-se com a vasta presença de metais preciosos, constatando riqueza abundante, riqueza esta também empregada pela exuberância de sua fauna selvagem, equilibrada com a mais nobre presença deste lugar, seu povo. Povo sábio e crente, que materializava suas crenças usando desta natureza suas matérias-primas para criar máscaras de madeira, metal e marfim, feitas pelo artesão da tribo, que detinha dom especial para elaborá-las. Representada também na figura de seus animais ou fazendo elos espirituais para transmitir ensinamentos e consequentemente sabedoria entrepara seu povo, tendo sua cultura fortalecida através de máscaras usadas em rituais que passavam de geração em geração a importância do sagrado, valores morais, respeito à natureza, respeito aos que já partiram, rituais de guerra, buscando em sua essência preservar a tradição.

Porém o que pareceria forte e perfeito sucumbiria cruelmente perante a face do mal, que impulsionada pela ganância, parte de terras europeias, ceifando culturas, escravizando almas e matando o conhecimento, levando nos porões de suas naus as riquezas daquele lugar, e o pouco que sobrou de suas representativas máscaras, para mais tarde as expor em manequins de museus, manequins sem vida, tornando-as totalmente inútil, sem importância.

Contudo, enquanto suas expressões materiais expostas na Europa nada mais valiam, seu verdadeiro poder era transportado em águas turvas para terras tropicais através da mente sábia de seu povo para lá escravizado, que mesmo vivendo por aqui a sofrer, superando as mazelas, já sem poder contar com o luxo de sua antiga terra, adaptou-se ao disponível, dando lugar para os tecidos retalhados, porém transmitindo os mesmos

propósitos, unindo-se e perpetuando seus legados em nossa terra através do folguedo Zambiapunga e o candomblé dos Egunguns.

“Máscaras em poesia”

Lá vem a tribo Kewle...

Fazendo seu rito de passagem

Abrindo caminho neste carnaval

Anunciando a chegada da Paracambi Imperial

Majestosa África, de fauna exuberante

Riquezas naturais abundantes

Que servem de matéria-prima

Para que suas tribos façam

Suas expressivas máscaras

Esculpidas pela mão do artesão

Protagonista de diversos rituais

Em sagração a natureza

Preservação da cultura

E transmissão de valores

Porém o que parecia forte foi quebrado

De além-mar impulsionado

Pela ganância e ambição

Veio a face do mal

Abatendo a cultura e a escravizando

Através de suas naus

Eram europeus

Levando aquele povo por águas turvas

Para terras tropicais

Enquanto suas máscaras mantidas em museus

Lá expostas já não valiam mais

Em terras brasileiras povos em união

Já sem aquela riqueza da Terra mãe

Dos retalhos surge a adaptação

Deixando seu legado

Perpetuando sua cultura

Através do candomblé dos Egunguns

E folguedo Zambiapunga

Parte 3: Do Samba-Enredo a ser Apresentado

11. Autoria do Samba-Enredo

Cecel Ataneiros, João Marcos, J Mauro, Marco Maciel, Murilo Sousa, Ewerton Fintelman, Leonardo Moreira e Thiago Meiners

12. Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito)

Começou o ritual
Vou saudar meu ancestral (Bis)
Ecoam tambores em louvação
No quilombo da Paracambi Imperial

Lá vem a tribo Kwele
Pedindo passagem no ar
Abrindo os caminhos pra toda magia
África majestosa, exuberante, triunfal
Com a beleza da riqueza natural
Há matéria-prima em seu chão
Esculpida pelo artesão
Sagrada energia da natureza
Preserva a cultura, transmite valores
Expressão e sutileza

Do além-mar veio a face do mal
Ganância e ambição (Bis)
Águas turvas vêm trazer a dor
Atrás do meu esplendor

Já não havia valor
Quando chegou ao Brasil
De retalhos, a união
Deixando seu legado em nosso chão
Perpetuada pela força Egungun
Eu sou mais no candomblé e no folguedo popular
Máscara a brilhar

13. Defesa do Samba (Se a escola julgar necessário)

Nesse ano, a escola vai abordar a África através de suas máscaras. As máscaras africanas têm essencial papel na materialização de crenças e ensinamentos, que são transmitidos, ao longo do tempo, em inúmeros rituais.

*“Começou o ritual
Vou saudar meu ancestral
Ecoam tambores em louvação
No quilombo da Paracambi Imperial”*

Nesses versos, os compositores colocam o desfile da escola como sendo um grande ritual, e a própria escola sendo um quilombo, símbolo de resistência, perpetuando a cultura africana ao abordar o referido tema.

*“Lá vem a tribo Kwele
Pedindo passagem no ar
Abrindo os caminhos pra toda magia”*

Esse trecho corresponde a um ritual dos Kwele – um povo de língua Bantu, situado no oeste da floresta equatorial africana –, visando a abrir os caminhos da escola, para realizar um grande desfile.

*“África majestosa, exuberante, triunfal
Com a beleza da riqueza natural
Há matéria-prima em seu chão
Esculpida pelo artesão
Sagrada energia da natureza
Preserva a cultura, transmite valores
Expressão e sutileza”*

Nesses versos, há exaltação da beleza e energia da natureza africana, sua abundância de matéria-prima para a confecção das máscaras pelos artesãos e, no fim, informa-se a finalidade das máscaras produzidas (preserva a cultura, transmite valores, expressão e sutileza).

*“Do além-mar veio a face do mal
Ganância e ambição
Águas turvas vêm trazer a dor
Atrás do meu esplendor”*

Essa estrofe representa a ganância europeia, que escravizou a alma e, conseqüentemente, a cultura africana, provocando dor e sofrimento.

*“Já não havia valor
Quando chegou ao Brasil
De retalhos, a união
Deixando seu legado em nosso chão
Perpetuada pela força Egungun
Eu sou mais no candomblé e no folgado popular
Máscara a brilhar”*

Os europeus se apropriaram de máscaras africanas e expuseram tais máscaras em museus, por exemplo. Entretanto, as máscaras dessa forma não possuem valor para os africanos. No Brasil, a perpetuação dessa cultura se dá através da adaptação das máscaras, que são feitas de retalhos e utilizadas no candomblé dos Egunguns e no folgado de Zambiapunga.

Parte 4: Do Desfile da Agremiação

14. Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver)

19 Alas, 5 alegorias, 1 casal de mestre-sala e porta-bandeira e 1 destaque de chão, sendo a Rainha da bateria.

15. Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas)

Introdução

Comissão de Frente - *Ritual Kwele*

1º Setor - Da natureza exuberante vem a matéria e inspiração de seus rituais

Galeria Velha Guarda – Sabedoria Ancestral

Casal MS e PB - *Fauna Inspiradora*

Ala 1 Baianas – Exuberância do *Marfim*

Destaque de Chão – Rainha de Bateria – Joia Preciosa

Ala 2 Bateria – *Metais Preciosos*

Ala 3 - Das Mãos do Artesão o rito de Criação

Abre Alas - *Da natureza exuberante vem a matéria e inspiração de seus rituais*

2º Setor Rituais de crenças e ensinamentos através das Máscaras

Ala 4 - *Máscara Dan: Elo com o Sagrado*

Ala 5 - *Máscara Bwa (Ala das Crianças) – Rito de Ensinamentos aos Jovens*

Ala 6 - *Máscara Punu (Coreografada) Respeito aos que já partiram*

Ala 7 - *Máscara Guerre - Lutas pela sobrevivência*

Alegoria 2 - *Rituais de crenças e ensinamentos através das Máscaras*

3º Setor - Rituais em respeito á natureza

Ala 8 - *Máscara Yaouré - Respeito á agricultura*

Ala 9 - *Máscara Baule – Sagração á fertilidade do Solo*

Ala 10 - Máscara Bozo – Mestres D'água

Ala 11 – Baianinhas - Máscara Bambará, Fruto terra

Alegoria 3 - Bambará, Fruto e suas sementes

4º Setor - Cultura Destruída pela face da ganância

Ala 12 - *Face da ganância e ambição*

Ala 13 - *Cultura ceifada*

Ala 14 - O conhecimento transportado através das Naus

Ala 15 - *Europeu e seus museus*

Alegoria 4 - *De além-mar vem a face do mal*

5º setor - A cultura floresce em terras brasileiras.

Ala 16 - *Da união a cultura floresce em terras brasileiras*

Ala 17 - *Em retalhos é feita a adaptação*

Ala 18 - *Folgado Zambiapunga*

Ala 19 - *Candomblé dos Egunguns*

Alegoria 5 - *A cultura floresce em terras brasileiras*

Descrição dos Elementos de Desfile *(em ordem de apresentação)*

01:

Comissão de Frente – Ritual Kwele

Ritual de máscaras usado em ritos de iniciação, servindo para abrir passagem, protegendo a tribo Kwele da bruxaria. A máscara apresenta feições de um antílope, com seus chifres em formato de coração, representando a sagacidade e o amor desses animais, fatores essenciais para a construção e iniciação de algo importante a ser executado pela tribo.

02:

Galeria da Velha Guarda – Sabedoria ancestral

A galeria da velha guarda vem representando a sabedoria dos ancestrais africanos, anciões que administravam e governavam suas tribos e clãs através da vivencia e respeito adquirido ao longo da vida, eram figuras altamente respeitadas por todos os habitantes da tribo.

03

Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – Fauna Inspiradora

O casal representa a fauna africana, que servia de inspiração para a elaboração das máscaras, a figura de animais estava presente na maioria delas, seja implícito ou explícito. A Porta-Bandeira, trás a figura de alguns animais representantes da fauna africana na saia (Elefante, Leão e Zebra) e na cabeça a representação de chifres de antílopes. Já o Mestre-Sala faz menção aos pássaros presentes na região, com figurino que remete ao Tecelão africano, ave de coloração amarela ouro, presente na angola.

04:

Ala 01 – Baianas – Exuberância do Marfim

Representa a exuberância dos marfins, que eram encontrados nas selvas em detrimento de animais como elefantes e rinocerontes. Sua beleza era símbolo de riqueza e servia como adornos usados na elaboração das máscaras.

05:

Destaque de chão - Rainha de Bateria – Joia Preciosa

A mais nobre de todos os metais, joia rara lapidada.

06:

Ala 02 – Bateria – Metais Preciosos

Muito presente na elaboração das máscaras, os metais como ferro, ouro, cobre e bronze eram usados tanto na base como nos adornos das máscaras, representando poder e riqueza para quem utilizasse.

07:

Ala 03 – Das mão do artesão o rito de criação

Representa os mestres que faziam as máscaras, geralmente eram pessoas da tribo que tinham a habilidade de esculpir e moldar. Realizavam seus trabalhos escondidos no meio da mata, com trajes especiais, com uma máscara usada em ritos secretos.

08:

Abre Alas - Da natureza exuberante vem a matéria e inspiração de seus rituais

Composições: Beleza da riqueza natural

Destaque: Mestre Artesão

A alegoria vem representando a exuberância da natureza africana de outrora, abundante em metais preciosos como o ouro e o bronze, adornados pela beleza do marfim, que ganha vida e força através de sua rica Fauna. Dessa forma, a alegoria trás uma paisagem abstrata com animais e baobás de marfim adornados em ouro, representando a imponência africana, á frente vem os símbolos da escola inseridos no contexto do enredo, com o curió usando a máscara do ritual kwele, pedindo uma boa passagem para a escola, acima da coroa feita em marfim. Ao fundo temos a representação do mestre artesão como destaque, já as composições representam a beleza e requinte que norteiam esse cenário.

09:

Ala 04 – Máscara Dan, elo com o sagrado

Máscara usada em rituais da tribo Dan, que representa o elo espiritual entre o homem e o divino, seria o meio de comunicação com o mundo espiritual. Seu desenho é um dos poucos que tem feição humana, com olhos, nariz e boca avantajada, os búzios aparecem em destaque, como elemento primordial para essa intermediação sagrada.

10:

Ala 05 – Ala das Crianças - Máscara Bwa, rito de ensinamento aos jovens

Máscara usada em rituais que ensinam as crianças os valores morais e éticos daquela tribo, também são usadas em ritos de passagem da juventude para a maioridade. Seu desenho arredondado tem feições de uma coruja com bico de calau, duas aves que representam a sabedoria.

11:

Ala 06 – Coreografada – Máscara Punu, Respeito aos que já partiram

Esta ala coreografada encena um ritual fúnebre africano dos povos bantos. Durante dias de cerimônias pós-morte, acontecem cortejos onde o morto é colocado em uma cadeira enfeitada, envolto em lençóis e com os olhos abertos, para que as pessoas da tribo se despeçam daquela pessoa com a imagem em vida. O cortejo ainda conta com batuqueiros e anciões que vem derramando um líquido que remete á sangue de sacrifício animal, ungindo o caminho até a cova. Os carregadores desempenham o papel mais importante, pois vestem a máscara Punu, essencial para este ritual.

12:

Ala 07 – Máscara Guerre, Lutas pela sobrevivência.

As máscaras Guerre, eram usadas em rituais antes, durante e após as Guerras entre tribos, sendo assim, sua estrutura consistia de materiais resistentes como o ferro e o bronze, além de terem feições excentricas, com o intuito de intimidar o rival.

13:

Alegoria 02 - Rituais de crenças e ensinamentos através das Máscaras

Composições: Chamas dos Rituais

Destaque: Ancião, mestre dos rituais

A alegoria traz um cenário de ritual africano, uma representação de terreiro antigo, local onde eram praticados os rituais, tendo palhas e galhos secos ao redor.

Nas laterais aparecem as figuras de percussionistas que embalavam os rituais ao som dos tambores, além disso, quatro esculturas de mascarás (Dan, Bwa, Punu e Guerre) complementam o carro.

As composições representam a chama que iluminavam as praticas dos rituais, realizados sempre ao calar da noite, já o destaque mostra a figura do ancião, que sempre era o mestre responsável pelo comando dos rituais.

14:

Ala 08 – Máscara Yaouré, respeito á agricultura

As tribos africanas tinham enorme preocupação com os elementos e derivados da natureza, dessa forma, realizavam diversos rituais, para saudar, agradecer ou pedir agrados referentes a esses elementos. Entre esses rituais aparece o da máscara Yaouré, que acontecia sempre em agradecimento á colheitas produtivas, seja ela de ervas, verduras ou frutos.

15:

Ala 09 – Máscara Baule, sagração á fertilidade do Solo

A preocupação dos povos africanos com o sol é intensa, o astro castiga boa parte do continente, com isso o solo fica bastante debilitado e a agricultura na região se torna bastante escassa, porém em determinadas épocas, em algumas regiões aconteciam fenômenos onde a terra ficava fértil e propensa ao cultivo, nesse período ocorria os rituais da máscara Baule em sagração a fertilidade, seu desenho apresenta feições de um búfalo, animal símbolo da fertilidade em diversos clãs africanos.

16:

Ala 10 – Máscara Bozo, Mestres D'Água

Máscara presente em diversas tribos, essencialmente nas localizadas na costa africana ou nas regiões dos lagos, eram usadas em rituais antecedentes á navegações ou pescarias, também era usada para agradecer farturas advindas das pescas.

17:

Ala 11 – Baianinhas - Máscara Bambará, Fruto terra

Mascara da tribo Bambará, cuja sua crença persistia em que a terra era um grande fruto e seus seres sementes que evoluem e interagem com esse fruto, sendo assim mantida a ordem social.

18:

Alegoria 03 – Bambará, Fruto e suas sementes

Composições: Sementes da Terra

Destaques: Bambará (Centralizado ao Fundo), Yaouré (Centralizado em primeiro plano), Bozo (Direita), Baule (esquerda)

A alegoria representa a crença da tribo Bambará em que a terra é um grande fruto, e seus seres sementes que evoluem e interagem com ele, com representações de todas as mascaras do setor, ligadas a natureza e da terra como um fruto adornado por folhagens, e apenas suas sementes (os destaques) dando cor, interagindo e dando vida ao grande fruto. A escolha da predominância branca se fez, justamente para dar a ideia da terra como um fruto que por si só não tem vida, precisando que seus seres e suas sementes, interajam e evoluam com ele para ganhar forma e cor.

As composições simbolizam as sementes da Terra, sendo representadas por 3 máscaras (Yauoré, Bozo e Baule)

19:

Ala 12 – Face da Ganancia e Ambição

Enquanto a cultura de cobrir o rosto para transmitir sabedoria de geração em

geração era praticada em um continente, no outro uma face descoberta, movida pela ganancia e ambição exacerbada, atravessou os mares para destruir uma cultura secular. A fantasia representa essa face má, através da figura de um conquistador Europeu com feições monstruosas.

20:

Ala 13 – Cultura Ceifada

A fantasia mostra os invasores europeus como senhores da morte que ceifaram vidas e a cultura de um povo, escravizando e/ou matando almas, destruindo ou roubando suas representativas máscaras.

21:

Ala 14 – O conhecimento transportado através das Naus

Fantasia representa as Naus europeias, que ao mesmo tempo em que levavam as máscaras em seus baús para serem expostas no velho continente, transportavam nos seus porões as pessoas que detinham o real poder de conhecimento sobre aquela cultura, para serem escravizados na América.

22:

Ala 15 – Europeus e seus museus

A fantasia representa a exposição das máscaras em museus europeus pelo invasor, os acessórios já bastante danificados em decorrência da guerra e da viagem, muitas vezes eram expostos em sinal de conquista e dominação, já não representando o seu real valor.

23: Carro 04 – Verdi, A Inspiração Nacionalista

Alegoria 04 – De além-mar vem a face do mal

Composições: Almas Escravizadas

Destaque: Face do Mal

Uma cultura outrora tão rica e esplendorosa sucumbiu do dia para a noite, com

"monstros" vindos de além-mar, escravizando povos e destruindo culturas. A alegoria faz a metáfora dos portugueses sendo "monstros do mar", com feições sombrias e tentáculos marinhos que agarram e destroçam de uma só vez os povos, sua cultura, suas máscaras, os transportando através de suas Naus, para lugares até então desconhecidos.

As composições representam os povos escravizados pelos tentáculos dos monstros marinhos, enquanto o destaque simboliza a face do mal que comete atrocidades impulsionadas pela ganância.

24:

Ala 16 - Da união a cultura floresce em terras brasileiras

A fantasia simboliza a união dos povos africanos no Brasil, que se fez forte, sobretudo através dos Quilombos, onde eles puderam compartilhar seus costumes e saberes, formando uma cultura, que propiciou manter vivo em solo brasileiro, valores e tradições como a das máscaras.

25:

Ala 17 - Em retalhos é feita a adaptação

Já sem a disposição de riquezas naturais, como metais, marfins, dentre outros, os povos africanos trazidos ao Brasil encontraram nos retalhos de tecidos a oportunidade de manter viva sua tradição, e de pedacinho em pedacinho de retalho, assim como de pedacinhos de cada cultura, costuradas e moldadas, deram vida a novas manifestações, inspiradas nas de suas origens.

26:

Ala 18 – Folguedo Zambiapunga

A partir do costume de cobrir o rosto e o corpo de tecidos para expressar sua cultura, foram difundidas diversas práticas relacionadas as máscaras nas mais diversas partes do país, algumas se mantiveram até os dias atuais, das quais se destacam o Folguedo Zambiapunga da cidade de Nilo Peçanha – BA, onde os integrantes saem fantasiados com panos e papeis de seda cobrindo o rosto, se apresentando na véspera do dia de finados, tocando instrumentos madrugada á dentro.

27:

Ala 19 – Candomblé dos Egunguns

Outra manifestação importante que resiste até os dias atuais é o candomblé dos Egunguns, praticado em diversas cidades do interior do país, tem sua prática restrita, em local fechado, geralmente em terreiros, onde usam panos e retalhos decorados em ritos de celebração.

28:

Alegoria 05 - A cultura floresce em terras brasileiras

Composições: De retalhos a União

Destaque: Uma nova África surge no Brasil

A partir do sofrimento causado pela escravidão, uma nova cultura floresceu no Brasil, com povos vindos das mais diversas partes do continente africano, incrementando o "caldeirão" cultural do país. A alegoria mostra esse florescimento de uma nova cultura no Brasil, com flores feitas de retalhos, principal instrumento da manifestação das máscaras, já que não possuíam mais as riquezas naturais de seu continente de origem. O carro ainda faz menção as duas manifestações decorrentes da cultura de cobrir a face para transmitir sabedoria e ensinamentos, na lateral do carro esculturas referente ao folguedo zambiapunga e ao centro a representação do candomblé dos Egunguns. No fundo do carro a simbolização de uma nova África nascente no Brasil.

Composições mostram os retalhos, principal material usado na cultura das máscaras em solo brasileiro, já o destaque representa o nascimento de uma nova África no Brasil, através da união em quilombos, dos povos que aqui foram escravizados.

29:

30:

31:

32:

33:

34:

35:

36:

37:

38:

39:

40:

41:

42:

43:

44:

45:

46:

47:

48:

49:

50:

Parte 5: Parte Especial para a Equipe de Transmissão

16. Nome Completo da Escola

GRESV Paracambi Imperial

17. Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)

Karine Moreira

18. Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)

Izaias Junior e Thiago Henrique

19. Intérprete(s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)

Rafael Faustino

20. Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver)

**Vice- Presidente – Leonardo Tenreiro
Presidente de Honra – Márcia Moreira
Diretor Geral de Carnaval – Thiago Henrique**

21. Autores do Samba-Enredo da Escola

Cecel Ataneiros, João Marcos, J Mauro, Marco Maciel, Murilo Sousa, Ewerton Fintelman, Leonardo Moreira e Thiago Meiners

22. Data de Fundação da Escola

07/02/2014

23. Cores da Escola

Verde e Azul

24. Símbolo da Escola

Curió Imperial e Coroa Imperial

25. Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas)

A ideia partiu de um grupo de amigos que amam o carnaval e queriam ter uma participação mais atuante no mesmo, e vimos no já renomado carnaval virtual da LIESV uma oportunidade de mostrar nosso talento e acima de tudo amor ao samba, sendo assim, criamos a GRESV Paracambi Imperial.

26. Tema-Enredo (Título do enredo e sub-títulos, se houverem)

Escondem-se os rostos para mostrar sua cultura, África vista por de trás de suas máscaras.

26. Autor(es) do Enredo

Izaias Junior e Thiago Henrique

27. Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas)

Para o carnaval de 2016, a Paracambi Imperial mostra a África em seus primórdios, sobre outra perspectiva, através de uma das mais importantes formas de expressão cultural, um olhar por detrás de suas máscaras. Passando desde a criação destas, seu uso em rituais, tendo inúmeras finalidades, mostrando a destruição dessa cultura ocasionada pela ambição do invasor Europeu e a resistência do africano trazido escravizado para o Brasil, mas que mantiveram viva essa tradição, o que observaremos no decorrer do desfile!

28. Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver)

19 Alas, 5 alegorias, 1 casal de mestre-sala e porta-bandeira e 1 destaque de chão, sendo a Rainha de bateria.

29. Organização dos elementos de desfile (De forma completa é opcional, a escola pode optar por colocar apenas os elementos que acha necessário que sejam descritos, com isso os demais terão apenas o tipo do elemento e o nome lidos pela equipe de transmissão). Colocar o tipo do elemento, o nome do elemento e uma breve descrição de uma linha (sem contar o tipo e o nome do elemento) do elemento que deseja que seja descrito na transmissão. Utilizar Times New Roman 10 com espaçamento 1,5.

Introdução

Comissão de Frente - *Ritual Kwele*

1º Setor - Da natureza exuberante vem a matéria e inspiração de seus rituais

Galeria Velha Guarda – Sabedoria Ancestral

Casal MS e PB - *Fauna Inspiradora*

Ala 1 Baianas – Exuberância do *Marfim*

Destaque de Chão – Rainha de Bateria – Joia Preciosa

Ala 2 Bateria – *Metais Preciosos*

Ala 3 - Das Mãos do Artesão o rito de Criação

Abre Alas - Da natureza exuberante vem a matéria e inspiração de seus rituais

2º Setor Rituais de crenças e ensinamentos através das Máscaras

Ala 4 - Máscara Dan: Elo com o Sagrado

Ala 5 - Máscara Bwa (Ala das Crianças) – Rito de Ensinamentos aos Jovens

Ala 6 - Máscara Punu (Coreografada) Respeito aos que já partiram

Ala 7 - Máscara Guerre - Lutas pela sobrevivência

Alegoria 2 - Rituais de crenças e ensinamentos através das Máscaras

3º Setor - Rituais em respeito á natureza

Ala 8 - Máscara Yaouré - Respeito á agricultura

Ala 9 - Máscara Baule – Sagração á fertilidade do Solo

Ala 10 - Máscara Bozo – Mestres D'água

Ala 11 – Baianinhas - Máscara Bambará, Fruto terra

Alegoria 3 - Bambará, Fruto e suas sementes

4º Setor - Cultura Destruída pela face da ganância

Ala 12 - Face da ganância e ambição

Ala 13 - Cultura ceifada

Ala 14 - O conhecimento transportado através das Naus

Ala 15 - Europeu e seus museus

Alegoria 4 - De além-mar vem a face do mal

5º setor - A cultura floresce em terras brasileiras.

Ala 16 - Da união a cultura floresce em terras brasileiras

Ala 17 - Em retalhos é feita a adaptação

Ala 18 - Folgado Zambiapunga

Ala 19 - Candomblé dos Egunguns

Alegoria 5 - A cultura floresce em terras brasileiras

Parte 6: Das Considerações Finais

30. Considerações finais que a agremiação considere pertinentes (evite fazer pedidos ou declarações desnecessárias)

Gostaríamos apenas de agradecer a nova gestão LIESV, em especial a nosso Presidente Ewerton Fintelman, ao nosso Vice-Presidente Murilo Sousa e ao membro da diretoria João Salles Neto, por toda a ajuda dada no período do pré-carnaval, tendo sempre paciência e competência para sanar nossas dúvidas, esse sem dúvidas é o melhor momento de nossa escola, muito obrigado!

Logotipo do Enredo:

